

Cenas do ensino remoto emergencial: trilhas e experiências na era covid-19

Vanessa Cardozo Brandão
Camila Maciel Campolina Alves Mantovani
Sônia Caldas Pessoa

As pesquisadoras propõem trazer suas próprias experiências de ensino remoto emergencial, de modo a colocar em relação a dualidade da escrita tanto como modo de captar o mundo dos acontecimentos na “sucessão empírica dos fatos” quanto como forma de expressão de inspiração literária da “partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2009). Buscamos inscrever essas experiências no campo discursivo da cena do texto, endereçando reflexões e questões a partir da escrita de situações de ensino vividas durante a pandemia do coronavírus.

A partir de Rancière, tentamos esquivar-nos da separação entre política do pensamento e escrita reflexiva. Através da escrita da cena, realizamos certa ordenação do mundo em que estamos situadas, simultaneamente, enquanto corpos em experiência de trabalho remoto (professoras no trabalho em organização de caráter científico, nas tarefas de planejar e dar aulas *online*, participar de reuniões, produzir textos acadêmicos), corpos situados em constante deslocamento entre o espaço doméstico e o espaço do trabalho, e ainda enquanto agentes da cena da escrita autorreflexiva.

Assim, o procedimento de literalidade (RANCIÈRE, 1995) atua na dupla posição do sujeito em espaços de subjetivação e alteridade, entre

a situação do indivíduo e sua relação com uma comunidade. A cena de Rancière tem potência de método para o relato reflexivo sobre práticas formativas, percebendo a Universidade mais do que espaço físico, como espaço de fluxo constituído pela experiência e pela partilha entre sujeitos que participam dela; sua ordenação dramatizada pode tornar-se produtivo modo de olhar e perceber a realidade do processo de ensino-aprendizagem. .

Longe de propormos uma análise de experiências mal ou bem sucedidas em práticas de ensino remoto nos cursos de graduação de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), experienciadas nos anos letivos de 2020 e 2021, interessa-nos relatar e refletir acerca do momento singular da temporalidade contemporânea - a era covid-19, que parece ter impactado fortemente a vida humana nas mais variadas áreas.

Cabe contextualizar o cenário institucional em que atuamos: professoras de universidade pública federal que, desde março de 2020, respondeu às demandas de autoridades de saúde pública municipal e estadual, respeitando e adotando condutas de distanciamento que levaram, em um primeiro momento, à completa paralisação de atividades de ensino presenciais. A UFMG criou comitês de enfrentamento à pandemia¹ e trabalhou continuamente na formulação de diretrizes que permitiram a retomada das atividades de ensino no modelo chamado de Ensino Remoto Emergencial.

Na UFMG, o ensino superior dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas está abrigado no Departamento de Comunicação Social, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH). Com o total fechamento da unidade, práticas de ensino da área foram planejadas para migração para meios digitais ou por ativida-

1 A Universidade Federal de Minas Gerais criou o Comitê de Enfrentamento ao Coronavírus e mantém contínua comunicação com a sociedade e a comunidade acadêmica, como pode ser consultado nos seus documentos públicos disponíveis: <https://ufmg.br/coronavirus>. Acesso em: 15 jul. de 2021.

des didáticas a distância². Esse movimento foi tanto de disciplinas teóricas, quanto teórico-práticas e laboratoriais, compondo um mosaico de atividades acadêmicas curriculares de variadas tipologias no ambiente online. Os meios digitais, que revolucionaram práticas de comunicação nas últimas décadas, de súbito, parecem acelerar transformações também na educação e nos processos de ensino de todas as áreas do conhecimento, diante das restrições criadas pela pandemia.

As tecnologias de informação e comunicação complexificaram a relação espaço-tempo, tendo como contraponto a sociedade industrial e o tempo linear, irreversível, mensurável e previsível do “chão de fábrica”. Castells (2007) pontua que o advento da sociedade em rede trouxe consigo a fragmentação da noção de tempo, o que transformaria a nossa experiência da temporalidade, no que se refere à experiência da simultaneidade e da ausência de temporalidade (intemporalidade).

Para o autor, esses dois aspectos fazem-se perceber a partir dos fluxos informacionais que circulam nas redes. A simultaneidade é vivenciada quando compartilhamos com outros sujeitos, por meio das tecnologias de informação e comunicação, eventos e situações distantes no espaço. Já a intemporalidade refere-se a uma forma de acesso à informação que não privilegia um mecanismo linear de organização e recuperação de dados, mas se relaciona aos “impulsos do consumidor ou às decisões do produtor” (CASTELLS, 2007, p. 554). Assim que “o tempo intemporal (...) ocorre quando as características de um dado contexto, ou seja, o paradigma informacional e a sociedade em rede, causam confusão sistêmica na ordem sequencial dos fenômenos sucedidos naquele contexto” (CASTELLS, 2007, p. 556).

No contexto do ensino remoto, nós nos vimos tomadas pelo sentimento de urgência e de disponibilidade quase que total para interações, ao mesmo tempo em que ansiávamos por mecanismos que nos permitis-

2 Ofício sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - Covid-19 na UFMG. Disponível em: https://ufmg.br/storage/9/9/4/2/99424bb16e027fd0518307ff1a-96d02e_15847356997946_2116127154.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

sem negociar relações espaço-temporais mais orgânicas e atreladas ao compasso na vida cotidiana, que, na situação, tornava-se extraordinária. A seguir, a partir das narrativas, buscamos desvelar algumas assimetrias e rugosidades nos modos de ensinar e aprender de docentes e discentes, desviados do espaço universitário para o espaço-tela das aulas *online*, inscrevendo espaços outros da vida privada dos múltiplos sujeitos na situação de ensino-aprendizagem.

Cena 1: Laboratórios do planejar-fazer em ambientes digitais

A professora havia passado algumas semanas planejando o retorno às suas disciplinas em modo remoto. Uma delas era teórica e a preocupava menos: estruturada sobre textos e conceitos, parecia-lhe de mais fácil adaptação ao formato de aula *online* por videoconferência. Era a disciplina de laboratório que merecia maior atenção, por alguns motivos. O tempo “assíncrono” do regime remoto trazia desafios. Como estimular interações fora do espaço físico do laboratório no tempo definido da aula presencial semanal? E tinha ainda a dependência de computadores e *softwares*. Mas havia também o fator que mais a angustiava (este de ordem emocional) - como ela, professora acostumada à co-presença, lidaria com alunos na distância das telas? Já nas primeiras aulas, pediu aos presentes em modo síncrono: “turma, deixem suas câmeras abertas, sempre que possível...” E foi esse, talvez, o fator que descortinou a cena.

Foi em uma aula, lá no meio do semestre. Na tela, o rosto de uma aluna que ainda não havia aparecido de modo síncrono. Ela havia sido sua aluna em semestres anteriores. A professora não se conteve: “Que bom te ver! Senti sua falta nas aulas, sumida...”. Mesmo diante da pouca iluminação do lado de lá da tela, os olhos da professora identificaram as pequenas mãos do bebê, mexendo no cabelo da aluna, alheio à câmera. Enquanto falava rapidamente de suas dúvidas e de ter ido à aula síncrona na tentativa de entrar em um dos grupos já formados, ao

mesmo tempo, a aluna tentava acalmar o bebê em seu colo, que insistia em brincar com os cabelos da mãe.

A professora havia sido transportada para o ambiente doméstico da aluna-mãe, seu corpo respondeu se movendo para frente na cadeira de escritório – sentia que queria segurar o bebê para que a aluna pudesse falar com mais concentração. Mas a professora-mãe só conseguia fazer uma coisa: sorrir para acolher. Ali, diante de toda a turma, a aluna parecia equilibrar-se entre mundos – fazia perguntas sobre o trabalho da matéria ao mesmo tempo em que interagia com seu bebê, gestos de carinho dançando junto às mãos pequenas e ágeis: “pois é, por isso que está difícil acompanhar, professora. Mas estou assistindo depois. Mas é difícil formar grupo no tempo previsto no cronograma”.

Rapidamente, a cena a fez pensar nas assimetrias entre o “estar em aula” quando se está em casa – coisa que ela própria já vivenciava (com certo grau de exaustão) desde o início da quarentena. As dificuldades de participar da prática acadêmica *online* quando, para além dos problemas de tecnologia (da rede *wifi* que cai, da plataforma que trava), é a vida doméstica que urge cuidado contínuo. E o cuidado, muitas vezes, é tarefa para elas - as mulheres. Nós, as mulheres.

Com as mãozinhas que invadiram sua sala de aula (que já havia sido povoada por familiares passeando ao fundo, gatos andando sobre teclados e cachorros deitados no colo de alunos), a professora pensou nos desafios que descobria ser bem maiores do que a disponibilização de *softwares online* de edição para as atividades práticas.

Dias depois, no almoço com o irmão-também-professor de outra universidade, atuando em aulas *online*, ela contou o caso, manifestando o pesar pela aluna não ter concluído o curso. Enquanto narrava, parecia indecisa se o tom da história era triste, contrariado, culpado ou enternecido - além de certamente solidário à aluna, já que a professora também é mãe de uma filha em aulas *online* e em casa.

O irmão, parece que sem entender o motivo do pesar com a história contada, disse como a confortar: “mas para essa aluna, aula online é até melhor! Ela pode assistir à aula com o bebê. Ia ser difícil fazer isso

no laboratório da Faculdade. Ela deve ter desistido por outro motivo, você fez tudo o que podia.” Foi aí que a professora pensou no quanto o espaço da aula, ao tornar-se o da vida doméstica, encontrava-se com sua pesquisa sobre os estudos de gênero - as assimetrias, os abismos do mercado de comunicação social, em que seus alunos trabalhariam. E isso, sim, pensava ela, deveria ser preocupação para levá-la a replanejar práticas de formação em laboratórios de comunicação, nos próximos semestres.

Cena 2: Desafios em experimentações sonoras: conteúdo, técnica e presença humana

O estúdio de rádio foi o cenário da primeira e única aula presencial do primeiro semestre de 2020. Ocupamos o espaço, como era habitual, na apresentação da disciplina Rádio e Mídias Digitais. Antes de refletir sobre o conteúdo e as práticas laboratoriais, era comum nos apresentarmos, uma tentativa de nos tornarmos minimamente conhecidos, no que seria possível, para dividirmos aquele espaço-tempo conjunto. Além dos 20 alunos, ali sentados lado a lado, ar condicionado ligado, aliviando o calor da ocupação máxima do estúdio, misturavam-se, entre eles, um mestrando estagiário docente, o sonoplasta e a professora.

O desafio era falar em poucos minutos, espontaneamente, sobre si, deixar-se mostrar em suas escolhas político-religiosas e sua orientação sexual, trazer à tona temas que afetassem cada um de nós e que guiassem nossas experimentações sonoras.

“Eu sou virgem”, anuncia uma das moças, que se sente feliz por falar pela primeira vez em público sobre o tema.

O enunciado sai como soletrado por ela em um misto de constrangimento e de alívio. A turma escuta e alinha novas costuras, fragmentos de experiências que, se não se complementam, constituem narrativas de vida não pacificadas. A política e a religião são atravessadas pela conformação da sexualidade. Na colcha de retalhos tecida coletivamente, moças que se identificam como lésbicas contam casos românticos, en-

quanto outras, heterossexuais, pedem desculpas por ‘gostarem’ de se relacionar com homens, porque essa condição lhes parece bastante difícil em um cenário que consideram permeado por masculinidades tóxicas.

Um corte brusco no espaço e no tempo se interpõe entre nós. Na semana seguinte, as aulas presenciais foram suspensas por causa da pandemia de covid-19. Ficamos quatro meses afastados, sem qualquer contato. Na retomada das atividades no Ensino Remoto Emergencial, as estações do ano não eram mais as mesmas. O fim do verão, que se anunciava nos primeiros dias de março, deu lugar ao inverno de agosto. Saltamos o outono na experiência coletiva, impuseram-se sobre nós regras de não convivência que abalaram a aproximação em dimensão afetiva de início de semestre. Vivemos a queda das folhas, a mudança de temperatura, a intensidade do vento e a observância destes fenômenos climáticos em tensão com um fenômeno outro, desconhecido, ameaçador, assustador; a imposição de uma vida e de uma sala de aula solitárias, cada um em isolamento em sua casa.

No ambiente doméstico, o ar condicionado do estúdio de rádio foi substituído por agasalhos e o frio da tela de inverno foi sendo quebrado aos poucos, mais por insistência da professora sobre a necessidade de dar aula para rostos do que pelo desejo dos alunos. Uma a uma, as câmeras foram sendo abertas no meio do primeiro encontro do ensino remoto, um momento mágico. A professora, que sempre se vangloriou da memória visual e por identificar os alunos pela face e raramente pelos nomes, viu-se diante da imensa frustração de não conseguir relacionar as narrativas de vida da primeira aula aos alunos que ali eram visualizados em imagens recortadas em minúsculos quadrados digitais.

Impor estratégias pedagógicas seria autoritário demais naquele espaço-tempo do reencontro. Encontramos juntos trilhas que nos permitiram tatear os dilemas cotidianos provocados pela pandemia, a solidão, o desemprego, o *home office*, os relacionamentos amorosos ou a inexistência deles, a luta pela vida, o luto, as descobertas, o nascimento, a gravidez de uma aluna, a presença ausente dos colegas, entre tantas outras experiências que se configuraram naqueles primeiros meses da

era covid-19. O conteúdo, que sempre foi primordial para a disciplina, dominou a cena, em detrimento da forma. Os relatos de si, a partir de um trabalho sistemático de oficina de texto, de um pensar junto e de um redigir sozinho, superaram a técnica da edição em grupo.

A construção coletiva das experimentações sonoras do semestre teve lugar a partir de uma junção de esforços, nos quais a valorização da experiência de cada um e os modos como elas afetaram a turma, no individual e no coletivo, tornaram-se mais importantes do que as ferramentas e os usos das tecnologias. As tecnologias constituíram-se como importantes sim; minimizá-las seria reduzir o vínculo que elas nos proporcionaram, caminharam em conjunto como aliadas na manutenção da prática laboratorial e, para além disso, na ideia de uma coletividade ameaçada pelo contato humano. Ah! O contato, ainda que em ambiente digital, trouxe à cena algo de uma necessidade urgente do resgate da presença humana em nós.

Cena 3: Muito além das diretrizes curriculares

Vamos iniciar mais um semestre no modelo remoto. Algumas carinhas são conhecidas, outros alunos, só sei pelo nome, pois nunca abriram a câmera. Dou as boas-vindas e percebo que há alunos novos na turma. Aproveito para me apresentar e a proposta da disciplina.

Esta é uma disciplina de projetos que, nos tempos do presencial, tinha um ritmo bastante dinâmico e que levava os discentes para além dos muros da universidade. Com o objetivo de construir repertório sobre práticas profissionais do campo da comunicação, os alunos costumavam realizar visitas a organizações para acompanhamento e posterior discussão. Tal discussão, muitas vezes, era guiada por determinados aspectos sobre os quais se desejava construir uma reflexão crítica, a saber inclusão, diversidade, ética, entre outros temas.

Na disciplina em questão, a proposta era olhar para as organizações a partir da perspectiva da comunicação e da acessibilidade para pessoas com deficiência. Sigo explicando a dinâmica, atividades, autores. Dos

poucos que abrem a câmera, consigo captar, a partir de seus gestos e expressões faciais, algumas pistas sobre suas percepções ao ouvir a proposta. Faço a leitura de que a turma está interessada, mas talvez com um pouco de dificuldade em perceber como isso vai acontecer.

Na tentativa de trazer mais elementos para que eles se engajem com o tema, exibio um vídeo rápido, que traz uma pesquisadora bastante conhecida, não só entre os estudantes das ciências sociais e humanas, mas em outros campos também. No vídeo, essa pesquisadora caminha pela cidade ao lado de uma pessoa com deficiência em uma cadeira de rodas. E, nesse movimento aparentemente banal e despretensioso, conversam sobre temas importantes que se conectam com a disciplina. Depois da exibição, chamo a turma para os comentários, momento tenso em que nós, professores, precisamos sempre estar com uma carta na manga para estimular e engajar.

Foi aí que uma das alunas se apresentou, agradecendo a proposta e dizendo que, apesar de ser de outro curso e área, ela estava bastante interessada no conteúdo. Porém, uma informação importante sobre si e que ela desejou partilhar com a professora e a turma é o fato de ela ter dislexia. No caso, como ela nos relatou, foi essa condição que a fez buscar cursos na área de exatas e evitar as humanidades. Entretanto, por gostar da área, mesmo reconhecendo não ser esse seu ponto forte, ela estava ali, cursando uma disciplina eletiva para conhecer um pouco mais o campo. Ela, então, nos relatou algumas de suas experiências na universidade e em outras vivências escolares, destacando a dificuldade do diagnóstico e, por isso, as muitas situações complexas vividas com relação ao seu processo de aprendizagem.

Nesse momento, vejo uma mãozinha surgir na tela do aplicativo de teleconferência. A partilha anterior motiva outra aluna a relatar sua experiência na universidade com a deficiência. Ela tem visão monocular e vinha enfrentando dificuldades em ser reconhecida como pessoa com deficiência pela instituição.

Os depoimentos das alunas motivam os colegas a ligarem suas câmeras. Pareceu ser necessário, naquele momento, trazer mais elemen-

tos de presença para a sala de aula. Era preciso não apenas ver, mas se deixar ver.

Algo estava acontecendo. O fora tornou-se dentro. Uma temática que parecia estar distante da realidade de muitos, tomou forma e nos interpelou, exigindo um engajamento e compromisso para além dos trabalhos e notas. Naquele semestre, vivenciamos muitas coisas que trouxeram a necessidade de se pensar Comunicação e Acessibilidade muito além das exigências curriculares.

Reflexões finais

Inspiradas por Rancière (2009; 2003; 1995), recorreremos às cenas como modo de pensar e escrever, bem como de expressar dissensos nas experiências cotidianas do ensino superior de cursos na área de Comunicação Social. Se antes plataformas digitais eram importantes na formação em nossa área por constituir o vasto campo de estudo das mídias e práticas de produção midiática, com a pandemia do coronavírus, seu uso se tornou ainda constitutivo da própria experiência de ensino.

Na primeira década dos anos 2000, os dispositivos móveis, em especial, os telefones celulares, e as redes de conexão sem fio ganhavam cada vez mais protagonismo na cena midiática. Com a promessa de nos livrarem das restrições e “amarras” dos lugares, permitindo conexões e trocas informacionais em movimento, os aparelhos sem fio anunciavam a “era da mobilidade”, apresentando-nos outras possibilidades para organização e gestão da vida cotidiana. Das compras ao lazer, passando pelo trabalho e pelas relações afetivas, tudo parecia estar ao alcance de um clique. Estaria, então, a humanidade próxima de superar as barreiras espaciais e temporais para alcançar o dom divino da onipresença? Afinal, os dispositivos móveis pareciam nos fazer capazes de transpor os constrangimentos do *hic et nunc* das interações face a face, tornando-nos aptos a “estar em qualquer lugar a qualquer hora”.

Mas, após quase dois anos de pandemia e trabalho remoto, sabemos que há um preço (bem alto) a se pagar pela conectividade e disponibili-

dade à lá Unibanco 30 horas! Num tom quase profético, Katz e Aakhus (2002) já nos alertavam para o fato de que o dom da onipresença, traduzido em ubiquidade pelas tecnologias, é tão extraordinário (e cansativo) que nem mesmo os deuses mais poderosos eram dotados de - ou interessados em exercer - tal poder, haja vista Hermes, o deus da comunicação, que atuava como mensageiro e portador das ordens e desejos de Zeus.

No modelo remoto, tornou-se rotineira a sobreposição de atividades e essa presença-ausência, propiciada pelas tecnologias, permitiu-nos, muitas vezes, habitar a sala de reunião e a sala de casa com uma aparente desenvoltura e naturalidade que, em certos momentos, levou-nos a situações arriscadas, difíceis, por vezes, até constrangedoras. Confiando na capacidade de sermos multitarefas nos esquecemos de que, quando falamos de interações, o máximo que conseguimos é sobrepor uma interação à outra, não sendo capazes de dedicar o mesmo nível de atenção a distintas demandas por interações interpessoais. A esse comportamento, dá-se o nome de atenção parcial contínua (STONE, 2009).

No caso, Baron (2008) argumenta que o comportamento multitarefa é comum em atividades corriqueiras como dirigir um carro, arrumar a casa e “correr o olho” nos filhos, entre outras atividades. A questão trazida pelas tecnologias digitais, em especial as sem fio, é o fato de grande parte das nossas comunicações interpessoais estarem migrando para o contexto multitarefa. Em outras palavras, não teríamos mais tempo e lugar para as interações, pois elas aconteceriam a todo o momento, interrompendo nossas atividades cotidianas, ou seja, estaríamos experienciando a atenção parcial contínua. Nela, o que há é um constante reposicionamento de prioridades: estamos participando de uma reunião remota, mas não perdemos de vista o celular e as constantes mensagens recebidas via redes sociais.

Nessas situações, de acordo com Stone (2009), temos a ilusão de que realizamos as atividades de forma concomitante, porém, nosso cérebro as processa de maneira seriada. Sendo assim, no momento que optamos por responder à mensagem que nos chega via dispositivo móvel, já nos desconectamos da reunião. E, muitas vezes, o nosso envolvimento é tão

grande, que só percebemos que estamos num duplo “espaço-tempo” quando alguém menciona o nosso nome.

E essa não é uma prerrogativa apenas de professores e professoras. Sabemos que nossos alunos e alunas também se encontram na mesma situação. Se, no ambiente presencial, os alertas e as notificações constantes dos celulares já disputavam a atenção na sala de aula, no ambiente remoto, isso certamente se dá de forma mais frequente, pois a própria configuração em múltiplas janelas dos ambientes digitais é um convite para a realização de várias atividades simultaneamente.

Entre crises de autoestima, uma falsa sensação de produtividade e um real esgotamento, carimbamos a nossa não-certidão de nativos digitais. Talvez a nossa memória analógica ainda insista em nos fazer buscar vivências que se desdobram no espaço de lugares (SANTOS, 2017) e dentro de uma temporalidade cronológica, em que, tradicionalmente, se desenrolam as atividades humanas.

Referências

BARON, Naomi S. Adjusting the Volume: Technology and Multitasking in Discourse Control. In: KATZ, James (org.). **Handbook of Mobile Communication Studies**, Cambridge, MA: MIT Press, 2008. p.177-193

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura; v.1, 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

KATZ, J. E.; AAKHUS, M. (org.) **Perpetual Contact**: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance. NY: Cambridge University Press. 2002, 391p.

STONE, Linda (2009). **Beyond Simple Multi-Tasking**: Continuous Partial Attention. Disponível em: <http://lindastone.net/2009/11/30/beyond-simple-multi-tasking-continuous-partial-attention>. Acesso em: 15 jul. 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da Escrita**. São Paulo: Editora 34, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. Ed 9a reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.